ACADEMICZINE n. 5 2024

DO GIBI À GIBITECA

ORIGEM E GÊNESE DE SIGNIFICADOS HISTORICAMENTE SITUADOS

Richardson Santos de Freitas
nanquim@gmail.com
nanquim.com.br

Profa. Dra. Lorena Tavares de Paula
ECI-UFMG
lorenaltp@gmail.com

Download - TCC
Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação UFMG:
https://biblio.eci.ufmg.br/monografias/2024/RichardsonSFreitas.pdf

ACADEMICZINE

Academiczine
N. 5 – maio 2024
O Academiczine é um fanzine proposto por
Gazy Andraus (São Vicente, SP), yzagandraus@gmail.com
Edição 5: Do gibi a gibiteca: origem e gênese de significados historicamente situados”
Montagem e coeditação pela editora Marca de Fantasia :
https://www.marcadefantasia.com - marcadefantasia@gmail.com
Imagem de capa: Revista Gibi Semanal, RGE, Rio de Janeiro, n. 40, 1975.

RESUMO

Esta pesquisa faz um estudo sobre a palavra gibi, através do método histórico, investigando as mudanças de seu significado e sua assimilação sociocultural. Considera-se que esse gênero artístico e fonte de informação para desenvolvimento de coleções especiais prescinde de estudos críticos sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas para melhor compreensão desses materiais para o desenvolvimento de coleções. Nesta investigação, os primeiros registros foram encontrados em jornais de 1888, pesquisados na Hemeroteca Virtual da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Constatou-se que inicialmente gibi era um apelido atribuído a pessoas negras. Posteriormente, transformou-se em uma gíria racista direcionada aos meninos negros, possuindo o sentido pejorativo de feio e grotesco, publicados em anúncios e em páginas de quadrinhos de periódicos. Depois a palavra passou a ser usada para designar os meninos negros que vendiam jornais nas ruas. Desses pequenos vendedores surgiu a inspiração para o título da revista Gibi, lançada em 1939 pela editora O Globo. O sucesso de vendas da revista, a ampla publicidade, o investimento em relações públicas e o cenário de críticas aos quadrinhos vindas principalmente de adversários da editora transformaram a palavra gibi em sinônimo de revista de histórias em quadrinhos no Brasil, fazendo o sentido original cair em desuso. A popularização do termo inspirou as bibliotecas brasileiras a adotarem a denominação de gibiteca para seus acervos de quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE

Gibi; Menino negro; pequeno jornaleiro; história em quadrinhos; gibiteca.

ORIGEM E GÊNESE DA PALAVRA GIBI (GIBY)

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2010 define o termo gibi como um substantivo masculino e um brasileirismo, isto é, próprio do português do Brasil. A palavra é sinônimo de revista em quadrinhos, mas o dicionário também informa que é uma gíria em desuso atribuída a menino negro e completa a informação explicando que a palavra vem do latim *gibbus* possuindo o significado de giba, ou seja, uma pessoa corcunda ou com o corpo disforme:

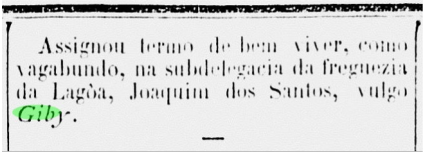
> gibi. **S. m. Bras. 1. Gír. Desus. Meninote preto; negrinho.** 2. Nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infatojuvenil. 3. P. ext. Qualquer revista em quadrinhos. 4. Publicação interna [...] (Ferreira, 2010, p. 1030), grifo nosso).
> gibi. [Do lat. *gibbus*, *í*.] **El. comp.** = 'giba', 'corcunda'; gibífero, bibifloro. (Ferreira, 2010, p. 1030).
> giba. [Do lat. *gibba*.] **S. f. 1.** V. corcunda (1): [...] (Ferreira, 2010, p. 1030).

ALCUNHA GIBY/GIBI

O estudo sobre a origem e gênese de significados da palavra gibi foi realizado através da análise historiográfica do termo em sua formulação e sua assimilação social no Brasil. Deve-se esclarecer que a historiografia é uma metodologia que procura entender como e por que um conceito e/ou comportamento social foi transformado e interpretado ao longo do tempo.

A mais antiga menção de gibi encontrada na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional tem a grafia de giby. Na seção "Pela Polícia" da Gazeta da Tarde em 4 de julho de 1888 (Figura 1), está noticiado que "Assignou termo de bem viver, como vagabundo, na subdelegacia da freguezia da Lagoa, Joaquim dos Santos, vulgo Giby." (Pela polícia, 1888, p. 3).

Figura 1 - Vulgo Giby assina termo como vagabundo. Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, n. 125, 4 de junho de 1888. Fonte: Hemeroteca de Biblioteca Nacional


Assignou termo de bem viver, como vagabundo, na subdelegacia da freguezia da Lagôa, Joaquim dos Santos, vulgo Giby.

Em 23 de setembro de 1899, a edição da Gazeta de Petropolis traz a informação sobre o desaparecimento de "[...] uma menor de côr preta de nome Maria, com alcunha de Gibi [...]" (Menor [...], 1899, p. 3). Foi informado que ela tinha 9 anos, era órfã e estava sob os cuidados de um tutor. Quem achasse a menina seria bem gratificado.

O que há em comum nestas histórias, que circularam no estado do Rio de Janeiro entre 1888 e 1899, é o uso da palavra como alcunha, sendo Giby vinculados à figura masculina e Gibi ligado à figura feminina.

DE PRETO A MULATO

O que era uma alcunha passou a ser usado como gíria genérica atribuída aos meninos negros. No jornal O Rio-Nú, de 11 de janeiro de 1905, há uma ilustração (Figura 2) intitulada "De preto a mulato" onde uma mulher branca - simbolizando a nação - alimentava os meninos negros - os gibis-, transformando-os em mulatos. Na legenda: "Tenho esperança de que farei deste gibi um mulatinho. Desta mistura não pode deixar de sahir café com leite" (De preto [...], 1905, p. 4). A metáfora da mistura dos líquidos, onde o leite acrescentado ao café preto deixava a bebida com uma tonalidade mais clara, representava os anseios da sociedade de ideais eugenistas que pensavam em transformar o Brasil em um país mais civilizado através do branqueamento de sua população

Figura 2 - De preto a mulato.
O Rio-Nú, Rio de Janeiro, n. 680,
11 de janeiro de 1905.
Fonte: Hemeroteca de Biblioteca Nacional

FEIO COMO UM GIBY

Nova menção de giby pode ser encontrada em O Tico-Tico. O artista J. Carlos criou o série "O talento do Juquinha". Em 16 de outubro de 1907, Juquinha conheceu o garoto que ele apelidou de Giby (Figura 3) ao espanta-se com a cor do garoto e deparar-se com o "[...] moleque mais preto que até hoje tem se visto" (Carlos, 1907, p. 1). Nessa primeira história descobre-se que o nome do menino é Izidóro Carneiro, o novo copeiro da casa. Giby foi o apelido dado por Juquinha ao garoto para debochar de sua cor e condição social. Juquinha ainda completa a fala afirmando "Carneiro… preto… considerou Juquinha. Ha de ser burro por força."

Figura 3 - A figura estereotipada de Giby,
de J. Carlos.O Tico-Tico, Rio de Janeiro, n. 106,
16 de outubro de 1907.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

GIBI: O PEQUENO JORNALEIRO NEGRO

O crescimento da mídia impressa contou com a contratação de uma rede de trabalho infantil. A vinda de imigrantes para o país, a partir de 1875, trouxe a experiência das gazetas europeias e os jovens, principalmente os de descendência italiana, passaram a trabalhar nas redes de distribuição de jornais e tornaram-se posteriormente poderosos empresários do setor. Mas a maioria dos vendedores de jornais eram meninos pobres que ajudavam a sua família a trazer algum tipo de sustento para a casa ou eram crianças órfãs e abandonadas tentando sobreviver. As empresas de jornais usaram dessa condição social para contratar esses menores para a distribuição de seus exemplares. Eles ficaram conhecidos como os pequenos jornaleiros.

Em 6 de novembro de 1935, mais um registro encontrado na revista O Tico-Tico, que publica um texto em formato de uma pequena peça de teatro intitulado "Em tempo de Guerra…" (Figura 4). Escrito por E. Wanderley, a história traz dois meninos negros, vendedores de jornais. Na descrição dos personagens a indicação de "Tição e Gibi: pretinhos vendedores de jornaes" (Wanderley, 1935, p. 14). Eles comentam sobre suas vendas e discutem as notícias sobre a guerra da Itália com a África que causam angústia no seu patrão, o imigrante italiano De Bonetti.

O TICO-TICO — 14 — 6 — Novembro — 1935

EM TEMPO DE GUERRA...

(SAINETE)

Personagens:

TIÇÃO } *pretinhos vendedores de*
GIBI } *jornaes.*
DE BONETTI.

Scenario:

Uma rua ou praça publica.

TIÇÃO — Vi que elle assentou vinte.
GIBI — E para mim assentou trinta.
TIÇÃO — Isso é para descontar a nota da semana passada em que eu pedi cincoenta e elle assentou mais vinte.
GIBI — Commigo tambem fez o mesmo: Eu pedi trinta e elle assentou cincoeita... por descuido.

GIBI — Não podias. Com essa roupa assim velha, em tiras, não podias ser ras, que é gente rica.
TIÇÃO — Nesse caso eu era o ras... o ras-gado...
GIBI — Boa idéa. (*Tirando o chapéo*) — E eu ia ser o ras-pado, com a cabeça pellada...
TIÇÃO — Muito bem! Vamos, então,

Figura 4: Pretinhos vendedores de jornaes. O Tico-Tico, n. 1570 , de 6 de novembro de 1935.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Esses pequenos jornaleiros acabaram se tornando um grande problema social. Muitos desses garotos acabavam dormindo nas ruas próximas às editoras para facilitar o recebimento dos exemplares e entraram em contato com o submundo dos adultos, onde muitos se tornaram usuários de tabaco e de bebidas alcoólicas. Porém, as empresas jornalísticas passaram a fazer a defesa dos pequenos trabalhadores porque a imagem dessas entidades estavam interligadas a esses vendedores. Editoriais exaltavam o trabalho duro dessas crianças, que circulavam pelas ruas, vielas, becos e bondes, seja no calor ou no frio, com sol ou chuva, de manhã ou à noite.

A REVISTA GIBI

Em 12 de abril de 1939 estreia a revista Gibi. O nome escolhido foi inspirado na figura do pequeno jornaleiro negro que vendia jornais nas ruas. Na capa, ao lado da logo (Figura 5), aparecia o desenho de um menino com cor preta, careca, lábios grossos e olhos esbugalhados, vestindo uma camisa branca, bermuda com suspensórios e pés descalços. Ele está com um braço erguido, anunciando e convidando os leitores a lerem a revista. O personagem gibi aparecia somente na capa ou no expediente.

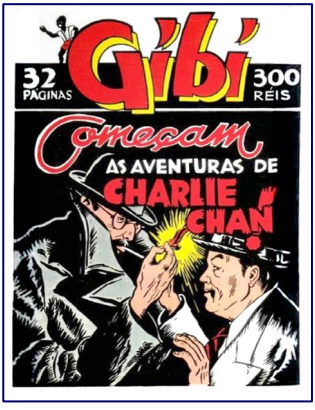


Figura 5: Menino negro vendedor de jornal ao lado da logo da revista Gibi. Gibi, Rio de Janeiro, n. 1, 12 de abril de 1939.
Fonte: Acervo Jornal O Globo

O melhoramento do significado da palavra gibi começa com os pequenos vendedores de jornais nas ruas e alcança o seu auge com o lucrativo sucesso da revista. O Globo usa todo o seu poder midiático de publicidade e relações públicas para consolidar o nome da revista no mercado editorial.

Entretanto, a partir da década de 1940 uma forte onda de críticas aos quadrinhos surge no mundo e chega ao Brasil. Os concorrentes e opositores viram nesse cenário uma oportunidade de atacar o jornal O Globo e o seu proprietário, Roberto Marinho, usando a expressão “revistas do tipo gibi” para denunciar uma suposta influência negativa das revistas no seu público leitor, sinônimo de má literatura, influência negativa que levava a criminalidade infantil e juvenil, além de disseminar temas em desacordo com a moral e bons costumes.

A soma do sucesso de vendas da revista Gibi, do investimento em relações públicas e publicidade e o cenário crítico usando a marca Gibi como um nome genérico para representar todas as revistas do gênero, fizeram com que a gíria caísse em desuso e gibi tornou-se sinônimo de revistas de história em quadrinhos no Brasil.

GIBITECA

Ganhando fama de subliteratura pouco conveniente ao sadio entretenimento e que sua leitura poderia influenciar a delinquência infanto-juvenil, os gibis demoraram a encontrar espaço nas bibliotecas. Waldomiro Vergueiro (2005, p. 4) nos conta que as hqs enfrentaram dificuldades em se transformarem em acervos das bibliotecas públicas, universitárias e escolares.

A situação só muda na década de 1970 quando as hqs tornam-se objeto de estudo das universidades. A Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) cria a mangateca do Museu de Imprensa Júlio de Mesquita Filho, gerenciada por Sonia Bibe Luyten.

Em Curitiba, o projeto de se criar uma biblioteca especializada em quadrinhos foi concretizado em 1982 (Figura 6). A denominação foi escolhida a partir da junção do termo (gibi + biblioteca), surgindo a Gibiteca de Curitiba. A escolha deveu-se ao fato de ser um nome curto, fácil e simpático. O estudo de Guilherme Dobrychtop (2022, p. 77) revela que um dos idealizadores da gibiteca, Imaguire Junior, ponderou sobre a questão pejorativa da palavra gibi. A preocupação era se o público visse o local como um espaço feito somente para o público infantil. A escolha do nome não há referências sobre o sentido original da palavra de menino negro, completamente em desuso na época.

Figura 6: Anúncio da inauguração da Gibiteca de Curitiba
Fonte: Keynews.
Disponível em: https://keyimaguirejunior.wordpress.com/2016/10/19/o-exemplo-da-gibiteca-de-curitiba/

CONCLUSÃO

Gibi surge como uma palavra racista para meninos negros e que ganha um melhoramento do significado fazendo com que a gíria caísse em desuso e firasse sinônimo de revistas em quadrinhos. Dissociado do sentido mais antigo, gibi serviu de inspiração para designar de gibitecas as instituições que possuem coleções especiais de quadrinhos..

Apesar de atualmente a palavra gibi estar totalmente desvinculada de seu sentido original racista, esta pesquisa trouxe documentação e uma visão crítica sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas do termo para melhor compreensão do estudo sobre histórias em quadrinhos, gibitecas e seus acervos especializados.

REFERÊNCIAS

CARLOS, J. O talento de Juquinha: A ignorância do Giby. **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 106, p. 1, 16 out. 1907. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=153079&pagfis=1380. Acesso em: 22 jul. 2022.

DE PRETO a mulato. **O Rio-Nú**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 680, p. 4, 11 jan. 1905. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 706736 & pesq= gibi & pasta=ano% 20190 & hf= memoria.bn.br & pagfis=2625. Acesso em: 8 ago. 2022.

DOBRYCHTOP, Guilherme Ieger. **Um festival Imóvel**: a Gibiteca de Curitiba na cultura de histórias em quadrinhos (1982-1997). 2022. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/79392/R%20-%20T%20-%20GUILHERME%20IEGER%20DOBRYCHTOP.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 out. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

PELA POLÍCIA. **Gazeta da Tarde**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 125, p. 3, 4 jun. 1888. Disponível em: https://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB= 226688 & pagfis=8523 Acesso em: 18 jul. 2022.

MENOR desapparecida. **Gazeta de Petropolis**, Petropolis, Ano 9, n. 114, p. 3, 23 set. 1899. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 304808 & pesq=menor% 20desapparecida & pasta=ano% 20189 & hf= memoria.bn.br & pagfis=3757. Acesso em: 24 jul. 2022.

WANDERLEY, E. Em tempo de guerra... **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, Ano 32, n. 1570, p. 14, 6 nov. 1935. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pesq=gibi&pagfis=38066. Acesso em: 8 ago 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero**, v. 6, n. 2. , 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5643 Acesso em: 22 jul. 2022.

https://marcadefantasia.com/parceiros/academiczine/academiczine.htm